

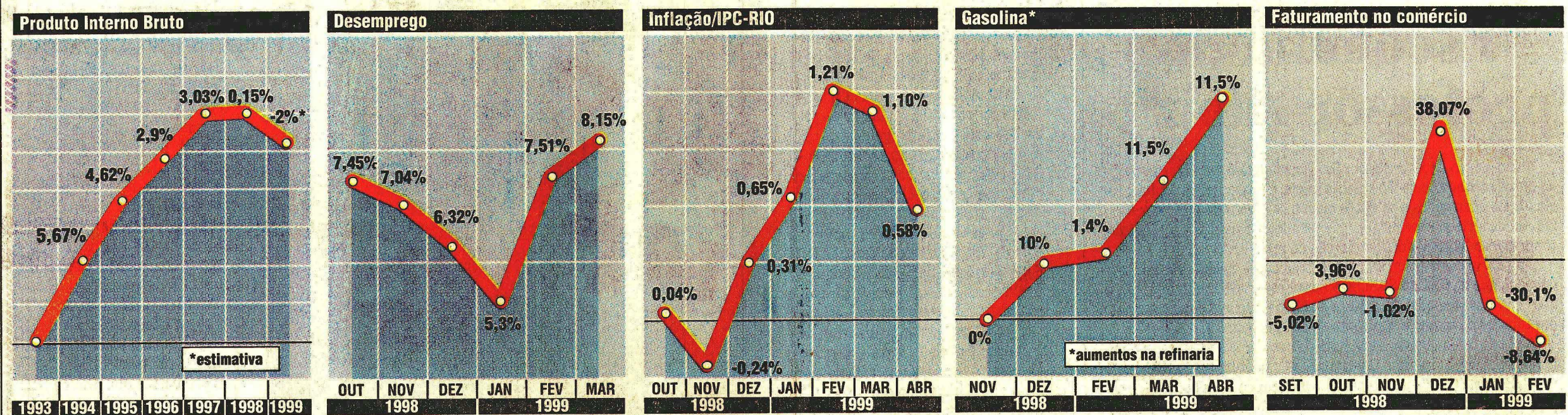
# Economia - Brasil

e-mail: economia@jb.com.br

**SINAIS DA CRISE** Fim do turbilhão financeiro não é motivo de festa para classes média e baixa, forçadas a apertar cintos mais uma vez

Arte JB

## OS NÚMEROS DO APERTO PÓS-DESVALORIZAÇÃO



Fontes: FGV, IBGE e Agência Nacional do Petróleo (ANP).

# Mar ainda não está para peixe

LEONARDO FEIJÓ

A economia brasileira dá sinais de estabilização quatro meses depois da desvalorização do real, mas um certo desconforto persiste e preocupa quem vive de salário ou de pequenas rendas. Enquanto setores do governo comemoram e refazem as previsões de queda do Produto Interno Bruto (PIB) para este ano, o desemprego se firma como problema crônico, trabalhadores de baixa renda encaram a recessão com o aumento de R\$ 6 no salário mínimo, e a classe média aperta o orçamento para escapar da inadimplência e do endividamento crescentes.

A classe média ainda é o segmento mais prejudicado, diz o economista Eduardo Scaletsky, professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. "À medida que sofreu redução de renda, a degradação dos serviços públicos compromete parcela crescente dos rendimentos com serviços de saúde e educação, por exemplo. Este setor está penalizado e a classe baixa tem problemas de emprego", analisa.

A taxa de desemprego atingiu 8,15% em março, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Para quem está no mercado de trabalho, a ordem é economizar. A secretária-executiva Sheila Maria Corrêa de Carvalho, 40 anos, resume a história de quem teve que mudar os hábitos da família para enfrentar a crise. "Antes saíamos para jantar ou almoçar todos os fins de semana, e agora optamos por ficar em casa. No supermercado, só compramos o essencial."

**Um saco de arroz** - A empreiteira doméstica Maria Olímpia de Jesus nem precisou se programar para comprar produtos bem básicos: o aumento do salário mínimo só deu para comprar um saco de cinco quilos de arroz. (Leia mais sobre o mínimo na página 16).

A retração no consumo, que afeta diretamente o comércio e eleva o desemprego, ainda deve se prolongar. Na sexta-feira, o Banco Central anunciou a redução da taxa Selic para 29,5%, uma queda que poderia contribuir para o aquecimento da economia. Desde março, a redução dos juros chegou a 15 pontos percentuais, mas os próprios economistas do governo admitem que levará tempo para que as

taxas oferecidas aos consumidores nas vendas a prazo sejam reduzidas.

"Se a política do governo não fosse recessiva, seria possível baixar mais os juros para reaquecer a economia. É preciso equilibrar um crescimento mínimo com a inflação baixa", opina Scaletsky.

Para o professor Rogério Valle, do Programa de Engenharia de Produção da Coppe/UFRJ, os indicadores de inadimplência e queda no poder aquisitivo vão se manter por um longo período. "O governo só pode de fato falar em situações não tão ruins porque as perspectivas são menos piores do que na época da desvalorização. Mas a médio e longo prazo não há tranquilidade".

Para que o nível de atividade da economia melhore, diz o professor, a balança comercial precisa se equilibrar. "Sem desenvolvimento não é possível. Mas como não há perspectiva de o cenário internacional mudar positivamente, na virada do ano o próprio governo vai mudar o discurso. Com que poupança ele vai fazer isso, não sei", analisa.

**Otimismo** - Apesar das críticas, o otimismo sobrevive. "Há esforço para formação técnica dos trabalhadores, por parte do governo, e isso antes era feito quase que exclusivamente pela iniciativa privada", festeja Valle. "Na prática, o governo tem uma política nacional de formação, exatamente nos setores que o Senai não atinja. Por um lado a situação é grave, mas este povo precisa de chance, não podem estar eternamente excluídos. São candidatos a um emprego", conclui.

No comércio do Rio, a orientação é ter cautela. A inadimplência recuou em abril, mas ainda preocupa os lojistas. O total de cheques transacionados pelo Sistema TeleCheque, da Teledata, registrou um aumento de 15,15% se comparado com o mês de março, o que demonstra mais preocupação por parte do comércio.

Segundo Rossana Magalhães, gerente da Teledata Rio, o índice de inadimplência de abril (2,43%) estava dentro da margem esperada para um período em que as pessoas se recuperam das dívidas tomadas no fim do ano. Para Rossana, nos próximos dois meses a inadimplência pode atingir 3%, como reflexo dos cheques emitidos nos meses de abril e maio.